

ENTRE MASSA, SOCIEDADE E COMUNIDADE: UMA ANÁLISE FILOSÓFICO-SOCIOLÓGICA DE OS SERTÕES A PARTIR DE ÉMILE DURKHEIM E EDITH STEIN

Danilo Cortez Gomes*

Resumo: Este artigo buscou refletir filosoficamente sobre a experiência de Canudos, narrada por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, articulando o pensamento sociológico de Émile Durkheim à obra filosófica de Edith Stein. A partir de Durkheim, a vida em Canudos pode ser interpretada como expressão da solidariedade mecânica baseada na coesão, na semelhança e na consciência coletiva. Contudo, tal perspectiva não adentra na dimensão existencial da experiência comunitária. Neste ponto, a contribuição de Edith Stein mostra-se fecunda, pois ela distingue massa, sociedade e comunidade, apontando que a comunidade se fundamenta na partilha ativa de sentido e a massa, pela homogeneidade passiva. Canudos, à luz dessa análise, aparece como um fenômeno em que se entrelaçam características de comunidade e massa: de um lado, solidariedade profunda forjada pela fé, pelo sofrimento e pelo destino comum, e de outro, submissão ao carisma de Antônio Conselheiro que diluía a autonomia dos indivíduos. Por fim, esta análise filosófico-sociológica ilustrou conceitos clássicos importantes e ao mesmo tempo, trouxe apontamentos que permitem melhor compreender questões como pertencimento e coesão coletiva.

Palavras-chave: massa; sociedade; comunidade; solidariedade; Canudos.

BETWEEN MASS, SOCIETY AND COMMUNITY: A PHILOSOPHICAL-SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF *OS SERTÕES* FROM DURKHEIM AND EDITH STEIN

Abstract: This article sought to offer a philosophical reflection on the experience of Canudos, narrated by Euclides da Cunha in *Os Sertões*, by articulating Émile Durkheim's sociological thought with Edith Stein's philosophical insights. From Durkheim's perspective, life in Canudos can be interpreted as an expression of mechanical solidarity, grounded in cohesion, similarity, and collective consciousness. However, such a framework does not fully capture the existential dimension of communal experience. At this point, Stein's contribution proves

* Doutor em Ciências Sociais; Mestre em Administração; Especialista em Gestão Pública, Educação Profissional, Gestão da Tecnologia da Informação, Gestão de Projetos Ágeis; Graduado em Administração, Filosofia e Teologia. Atualmente é Professor de Gestão Organizacional e Empreendedorismo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Currais Novos. E-mail: danilo.cortez@ifrn.edu.br.

fruitful, as she distinguishes between mass, society, and community, emphasizing that community is rooted in the active sharing of meaning, while mass is characterized by passive homogeneity. Canudos, in light of this analysis, appears as a phenomenon where characteristics of both community and crowd intertwine: on one hand, a profound solidarity forged through faith, suffering, and a shared destiny; on the other, submission to the charisma of Antônio Conselheiro, which diluted the autonomy of individuals. Ultimately, this philosophical-sociological analysis not only illustrates key classical concepts but also offers insights that enhance our understanding of belonging and collective cohesion.

Keywords: mass; society; community; solidarity; Canudos.

INTRODUÇÃO – O SERTÃO E O SERTANEJO

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”

(CUNHA, 2003, p. 77).

Ao falar do sertão e daqueles que o povoam, imediatamente vem à memória o livro do escritor seridoense José Bezerra Gomes, cujo título *Os Brutos* manifesta-se como codinome utilizado para representar àqueles que aprenderam a sobreviver às intempéries da natureza típica do sertão. De fato, este contexto histórico e geográfico é um fator preponderante na formação cultural e moral desse povo, fazendo jus ao adjetivo forte do célebre Euclides da Cunha no clássico *Os Sertões*, livro publicado em dezembro de 1902 que trata da Guerra de Canudos (1896-1897). A narrativa não se limita a ser um relatório frio ou um conjunto de artigos imparciais, mas uma espécie de denúncia da miséria e condições daquela gente humilde que fora dizimada no sertão baiano, tendo em vista que “aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (Cunha, 2003, p. 9). Com esse livro, o autor conseguiu reconhecimento e projeção mundial, tornando sua obra denunciatória um dos grandes clássicos da literatura brasileira.

Nesse cenário em que Euclides da Cunha apresenta em três grandes capítulos – a terra, o homem e a luta – um panorama do que foi a Guerra de Canudos, o autor também conseguiu de forma sublime, descrever as especificidades de uma região (terra), de um povo (homem) e de um combate (luta). Por isso, encontra-se nessa obra, ou melhor, nas linhas e entrelinhas, um retrato de um Brasil em meio a tantos Brasis (DaMatta, 1986).

Para uns foi a descoberta do desconhecido em meio a tragédia. Para outros, foi a própria tragédia que obscureceu o que era levemente conhecido. Enfim, ler e reler *Os Sertões* continua sendo um exercício de descobrimento do sertão, do sertanejo, das agruras vivenciadas pelos

homens e mulheres que no afã de suas elucubrações, seguiram o improvável ou o desconhecido, como foi o caso de Antônio Conselheiro, apelido do cearense Antônio Vicente Mendes Maciel, na certeza de que buscavam lutar suas lutas com a força de um gigante. Assim, o povo ignorante e aparentemente sem forças, procurou e encontrou espaço no imenso sertão (des)conhecido no interior da Bahia, no além do Rio Vaza-Barris, num lugar singular em meio ao plural território brasileiro, que mais tarde tornou conhecida a famosa garra e fortaleza do sertanejo.

Desse modo, este trabalho tem como problema filosófico-sociológico central a seguinte questão: como compreender a coesão social em Canudos? A experiência pode ser interpretada, à luz de Durkheim (2010), como manifestação de uma solidariedade mecânica ou mesmo orgânica? Ou, considerando as categorias propostas por Edith Stein (2005), trata-se antes de um fenômeno de massa, de uma forma de sociedade ou de uma autêntica comunidade?

Para tanto, propõe-se articular duas perspectivas. De um lado, a sociologia de Émile Durkheim, especialmente a partir do livro “Da Divisão do Trabalho Social” (2010), que oferece as categorias de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica como chaves explicativas da coesão social; e do outro, os estudos filosóficos da fenomenóloga Edith Stein, com destaque para Contribuições para a fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito (2005), que distingue massa, sociedade e comunidade a partir da vivência intersubjetiva.

A análise do caso de Canudos descrita no famigerado *Os Sertões*, à luz dessas duas abordagens, permite indagar se tal experiência deve ser compreendida como sociedade, comunidade ou massa, além de investigar o entrelaçamento paradoxal desses modos de coesão social. Assim, este artigo busca refletir filosoficamente sobre a experiência de Canudos no que diz respeito à coesão coletiva, além de contribuir para o debate filosófico no que diz respeito a pertencimento, solidariedade e os limites entre autonomia e submissão.

UM POVO SOLITÁRIO

Na primeira parte de *Os Sertões* – a terra – o autor revela traços bem típicos do sertão, desde sua topografia até o bioma próprio daquele paraíso que brota verdejante ao sinal das chuvas escassas que assolam essa região do nordeste brasileiro. No entanto, Canudos está alicerçada em paradoxos, pois o paraíso sertanejo aos poucos deságua no inferno semelhante ao descrito em *A Divina Comédia* (Alighieri, 2003). Vale destacar que a beleza da terra irá

contrastar com um “agente ecológico notável – o homem” (Cunha, 2003, p. 44) que não raramente destrói a terra e os sonhos de um povo em busca de dias melhores.

Nessa perspectiva, compreender a sociedade de Canudos em si não é tarefa simples, especialmente quando se leva em consideração aspectos religiosos e transcendentais que moviam aqueles sertanejos liderados por Antônio Conselheiro. De acordo com Durkheim (2011, p. 120), “a causa determinante de um fato social deve ser procurada entre os fatos sociais antecedentes e não nos estados da consciência individual”, isto é, quais as motivações intrínsecas e extrínsecas devem ser consideradas para a compreensão daquela realidade.

Nesse sentido, pode-se dizer que algo exercia uma forte influência naqueles sertanejos, seja a religião em si ou as promessas advindas desta. O certo é que diante daquelas circunstâncias impostas ao povo – as contrariedades do sertanejo desassistido pelo Estado, a pobreza, a usurpação constante etc. – a voz do profeta Conselheiro soou como um alento, esperança e futuro sem sombra do passado, ou melhor, um presente divino que banhou aquele torrão árido. Em seus estudos sobre religião, Cascudo (2011, p. 32) é enfático ao descrever o líder de Canudos: “de túnica talar, voz cavernosa, frugal e sibilino, Antônio Conselheiro, o ‘Bom Jesus Conselheiro’, abriu um capítulo emocional e bravio em Canudos e na História do Brasil.

Euclides da Cunha faz um esforço no início do livro para explicar a formação complexa da miscigenação brasileira, afirmando inclusive que “não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca” (Cunha, 2003, p. 52), todavia, no caso específico do sertanejo ou do vaqueiro, que é a gênese dos jagunços, nome utilizado para aqueles que combatiam a favor de Canudos, o autor o caracteriza de forma magistral. Alguns podem enxergar a caracterização do sertanejo como um povo frágil, atrasado e alheio ao desenvolvimento, mas o jornalista conseguiu enxergar a bravura e destemor típicos dessa gente forte: “Bravo e destemeroso como o primeiro (bandeirante), resignado e tenaz como o segundo (jesuíta), tinha a vantagem de um atributo supletivo que faltou a ambos – a fixação ao solo” (Cunha, 2003, p. 66). Por outro lado, mesmo diante dessa bravura, o sertanejo também convive com longos intervalos de apatia. Para Cunha (2003), isso demonstra a perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo do norte teve uma árdua aprendizagem de reveses, pois desde cedo, aprendeu a encontrá-los, de chofre, e a reagir, de pronto. Desse modo, encontra-se o forte e o fraco num só, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia (...). É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela talhou-o à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto.

Se para Durkheim (2011, p. 37) um sentimento coletivo “é uma resultante da vida comum, um produto das ações e das reações entre as consciências individuais; e se ressoa em cada uma delas, é em virtude da energia especial que deve justamente à sua gênese coletiva”, a fixação ao solo, o desejo de possuir seu lugar para morar, plantar, colher e ali se perpetuar, é um sentimento comum típico dos sertanejos, pois “a terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebatá-o, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios” (Cunha, 2003, p. 59). Além do desejo por um pedaço de chão, “a uniformidade, sob estes vários aspectos, é impressionadora. O sertanejo do norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída” (Ibidem, p. 73).

Ademais, tais características aproximam-se do que Durkheim denomina representações coletivas, nas quais os símbolos pelos quais a sociedade se pensa transformam-se de acordo com a sua própria natureza. Em Canudos, as profecias de Antônio Conselheiro soavam benfazejas para aquele povo. Cascudo (2011) chama essa situação de densidade mental, isto é, essas crenças nas profecias impossibilitam a penetração de qualquer conceito remodelador, imprimindo ainda mais a condição de *status quo* em que se encontra. Surge então a pergunta: Terá sido essa densidade mental um escudo diante das novidades da República?

Todo messias é um pregoeiro da futura felicidade coletiva, sob sua égide. ‘Não há revolução sem promessas’, dizia Lênin. A promessa é uma profecia, manejando a credulidade do interesse, a fé inesgotável na palavra messiânica. O processo de adaptações rendosas nas velhas profecias aproveitáveis é o recurso à sua utilidade oportuna (Cascudo, 2011, p. 137)

Antônio Conselheiro soube aproveitar as oportunidades e várias dessas profecias foram encontradas nos despojos do Arraial de Canudos, em 1897. Ainda segundo Cascudo (2011, p. 176) “os analfabetos amam os símbolos gráficos, cruces, estrelas, meia-lua, e as efígies dos ‘Santinhos’, em lugar visível. A Cruz é a mais popular defensora da Peste, Fome, Guerra, respeitada pelos fantasmas e temida pelos Demônios”. Nada mais icônico do que essa citação para expressar a fé coletiva em Canudos. O povo simples, humilde e analfabeto foi conduzido a uma liturgia própria desenvolvida pelo Conselheiro. A mistura da fé cristã com superstições diversas possibilitou um sincretismo de uma “nota só”, um uníssono nas rezas cotidianas naquele Arraial, que mesmo em meio à batalha feroz, não se extinguia de forma alguma. Para Cunha (2003), ali fora instituído um ritual fetichista que era a transmutação do cristianismo incompreendido.

Partindo da premissa durkheimiana de que uma análise sociológica adequada deve levar em consideração “o volume da sociedade e a densidade dinâmica medida pelo grau de coalescência dos segmentos” (Durkheim, 2011, p. 104), a compreensão do sertanejo, mais especificamente àquele de Canudos, requer um olhar mais atento ao número de indivíduos que se encontravam naquela região e a intensidade de trocas e contatos entre esses indivíduos, bem como aos aspectos simbólicos como vestimentas, comidas, linguagem etc., isto é, aquilo que Durkheim chama de volume, densidade material e densidade moral que são três fatores essenciais para o desenvolvimento da divisão do trabalho social (Ibidem, 2010).

Nessa linha de raciocínio, as vestimentas induzem uma personalidade varonil que é típica desse homem sertanejo que labuta incessantemente contra tudo e contra todos. É como se o jagunço ou o sertanejo, em nome da fé, fosse um novo Cruzado que já não luta contra os muçulmanos na Terra Santa, mas contra os soldados da República (contra as leis republicanas), os filhos de Satanás segundo o Conselheiro: “A lei do cão... Este era o apotegma mais elevado da seita” (Ibidem, p. 129). Este guerreiro já não busca libertar a terra santa que outro tomou posse, mas almeja a liberdade de ser sertanejo no sertão em que fora criado.

Pode-se dizer que a bravura e coragem são características típicas desses homens e mulheres, e em especial a honestidade, pois se tornara um traço encantador dos matutos. Além da honestidade, a sua resistência em meio a tantas intempéries, visto que “a seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrenta-a, estoico” (Cunha, 2003, p. 87).

Comidas simples, sem muitas exigências, que atenuavam a rigidez da lida diária, contrasta com os poucos momentos de alento e diversão nas rancharias, com os folguedos costumeiros. O vaqueiro também reza e não raramente cura o animal doente apenas pelo rastro. As tradições no dia 13 de dezembro (dedicado a Santa Luzia) e no dia 19 de março dedicado ao Glorioso São José. Nestas, como em tantas outras, encontra-se a esperança extremada.

Essa religiosidade é típica do sertão. A família em volta do oratório era comum, costume antigo e revelação de uma crença pujante que fortificava o forte trabalhador. Aquilo que mais tarde seria uma tarefa constante em Canudos – as rezas, as ladainhas, os beijos nas imagens etc. – já eram pronunciadas em cada casa sertaneja. Havia uma confiança na Providência Divina e que dias melhores viriam, nem que para isso um salvador viesse dar conta das aflições do povo sofredor. Para tal façanha, se fez necessário o surgimento de alguém que pudesse sublevar aquele povo.

Na verdade, este “precisava de alguém que lhe traduzisse a idealização indefinida, e a guiasse nas trilhas misteriosas para os céus...” (Cunha, 2003, p. 104) ou paralelamente ao que Durkheim chama de solidariedade orgânica, sem anomia. Se este mundo desejado era surreal, não importa. O fato é que “surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão, em que se apóia o passo tardo dos peregrinos” (Ibidem, p. 103). O místico errante tornara-se juiz e referência divina para aqueles sertanejos analfabetos que labutavam por dias melhores, como um líder carismático na concepção de Weber (2006). Por incrível que pareça, assemelhando-se às anedotas pueris, “o evangelizador surgiu, monstruoso, mas autômato. Aquele dominador foi um títere. Agiu passivo, como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de três raças. E cresceu tanto que se projetou na História...” (Cunha, 2003, p. 104).

Mesmo com sua excentricidade própria, Antônio Conselheiro não ficou conhecido apenas por sua aparência e profecias, mas pelo caráter subversivo e suas consequências que forçaram reações por parte das autoridades, sejam elas civis ou eclesiásticas. Ele “viu a República com maus olhos e pregou, coerente, a rebeldia contra as novas leis. Assumiu desde 1893 uma feição combatente inteiramente nova” (Ibidem, p. 112). Eis então seu atestado de loucura, ou melhor, o contraventor público que a partir de então reuniu cada vez mais adeptos aos seus princípios:

Ao surgir esta novidade Antônio Conselheiro estava em Bom Conselho. Irritou-o a imposição; e planeou revide imediato. Reuniu o povo num dia de feira e, entre gritos sediciosos e estrepitar de foguetes, mandou queimar as tábuas numa fogueira, no largo. Levantou a voz sobre o ‘auto da fé’, que a fraqueza das autoridades não impedira, e pregou abertamente a insurreição contra as leis (Cunha, 2003, p. 113).

Assim, o matuto sertanejo se tornou presa fácil para as profecias e ensinamentos do seu agora líder e pastor. “A alma de um matuto é inerte ante as influências que a agitam. De acordo com estas pode ir da extrema brutalidade ao máximo devotamento. Vimo-la, neste instante, desvairada pelo fanatismo. Vejamo-la transfigurada pela fé” (Ibidem, p. 93). E então o Arraial de Canudos se reveste de força e ali são depositados milhares de sonhos e vidas que sequer sabiam para onde iam, mas que acreditavam em um tempo novo, nem que fosse à eternidade. Dava-se início ao lugar lendário chamado Monte Santo.

UM POVO SOLIDÁRIO: SOLIDARIEDADE MECÂNICA OU ORGÂNICA? DURKHEIM EXPLICA

Ao relacionar os três fatores do desenvolvimento da divisão do trabalho social apresentados por Durkheim (2010) ao caso de Canudos, pode-se afirmar que o volume crescia dia após dia, reunindo homens e mulheres como ovelhas dispersas que encontravam refúgio no aprisco do Bom Pastor. A densidade material, que além do número de habitantes por unidade de superfície, dizia respeito ao desenvolvimento das vias de comunicação e de transmissão, se fundia avassaladoramente. A densidade moral ou dinâmica, definida pelas efetivas relações, que no caso de Canudos se traduziu por meio de uma fé única e inabalável ou porque não dizer por um fanatismo, acabou por sucumbir um povo.

Canudos foi um caso *sui generis* no sertão nordestino, uma reunião de indivíduos que se uniu em torno de um líder carismático que pregava o paraíso nessa terra, ou pelo menos, a passagem dessa terra ao paraíso. Para melhor entender como esse povo se relacionava e de que modo se unia, Durkheim (2010) dá pistas evidentes sobre esse tipo de sociedade, a saber: solidariedade mecânica ou solidariedade orgânica. Para ele, os três fatores – volume, densidade material e densidade moral – são decisivos para o processo de divisão do trabalho social, especialmente os dois últimos. Seu texto se preocupa em apresentar o caráter aglutinador, que gera a solidariedade, e o caráter diluidor, que gera a anomia da divisão do trabalho social.

Urge entender primeiramente se a densidade material e moral, imprescindíveis no processo de divisão do trabalho social, estavam presentes e foram forças propulsoras para o desenvolvimento daquele agrupamento de indivíduos, pois o progresso em Durkheim é indeterminado, ou seja, é um resultado da solidariedade da sociedade. Mas que tipo de solidariedade estava presente em Canudos?

De acordo com Durkheim (2010, p. 421), “o homem só é um ser moral porque vive em sociedade, pois a moralidade consiste em ser solidário de um grupo e varia de acordo com essa solidariedade”. Assim, entende-se que a moral é a própria consciência coletiva, isto é, são os valores que definem as condutas e ações sociais. A moral é uma representação social dos valores e costumes de determinada sociedade. Canudos tinha sua moral própria, baseada nos princípios apregoados pelo Bom Conselheiro. Por isso, Canudos era uma espécie de representação coletiva, mesmo que tenha durado pouco, mas o bojo de suas crenças perdurava por séculos e de alguma forma, permanecem inertes. Segundo Durkheim (1996, p. XXIII),

as representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber.

Em outra obra, a consciência coletiva ou comum é conhecida por um conjunto de crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado que tem vida própria (Durkheim, 2010). O mesmo autor, ao abordar a questão religiosa, é bem enfático ao afirmar que “as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos” (Durkheim, 1996, p. XVI). Além do mais, “a religião é coisa essencialmente social. Longe de perseguir fins individuais, ela exerce sobre o indivíduo uma coerção permanente” (Ibidem, p. 64).

No caso de Canudos, havia uma uniformidade de pensamentos e princípios que se resumia nas decisões de seu líder. A densidade moral ou dinâmica ali existente não progredia ao passo de permitir uma divisão do trabalho social. Os laços que uniam tais indivíduos era a consciência coletiva que caracterizava uma sociedade segmentada, cujo tipo de direito era repressivo, no qual o medo de não alcançar a salvação divina era o maior temor existente.

Aqui temos características suficientes para entender que Canudos era uma segmentação da solidariedade mecânica:

É que essa estrutura especial permite que a sociedade cinja melhor o indivíduo, o mantenha mais fortemente preso a seu meio doméstico e, por conseguinte, às tradições – enfim, contribuindo para limitar o horizonte social, também contribui para torná-lo concreto e definido. Portanto, são causas totalmente mecânicas que fazem que a personalidade individual seja absorvida na personalidade coletiva, e são causas da mesma natureza que a fazem diferenciar-se dela. (Durkheim, 2010, p. 305).

Nesse tipo de solidariedade, os indivíduos não se diferenciam, pois possuem os mesmos valores, sentimentos e crenças, o que os torna mais coesos e conseqüentemente forma uma consciência coletiva mais forte, enfraquecendo os direitos individuais. Os sentimentos e emoções são a base dessa solidariedade, que tem a família como um instrumento vital na formação moral dos indivíduos. Vale salientar que os movimentos dos indivíduos nesse tipo de solidariedade são harmônicos e há um apego demasiado e indeterminado das pessoas ao grupo, bem como uma consciência comum ou coletiva alicerçada que os une. Essa solidariedade social

provém “do fato de que certo número de estados de consciência são comuns a todos os membros da mesma sociedade. É ela que o direito repressivo figura materialmente, pelo menos no que ela tem de essencial” (Ibidem, p. 83).

Já na solidariedade orgânica, a divisão do trabalho social e a diversificação da sociedade são características predominantes, inclusive com a diminuição da família como elemento formador de opinião. Em Canudos, as palavras do Conselheiro, suas ordens e profecias eram como a Ordem e o Direito encarnados. E todos os adeptos daquelas palavras lhe eram subservientes. As leis republicanas foram abolidas por aquele povo, iniciando um embate entre a “lei divina” *versus* a “lei dos homens” ou “lei do cão”.

Diante do que até aqui foi exposto, pode-se dizer que Canudos foi um exemplo exacerbado da solidariedade mecânica. A maioria dos seguidores de Antônio Conselheiro era formada por homens e mulheres pacíficos, que nunca tinham empunhado armas, a não ser para caçar e garantir a própria subsistência, no entanto, o grupo também atraiu forasteiros dispostos a lutar, transformando o conflito em uma “guerra santa”.

Contudo, nessa heterogeneidade de personalidades, havia um senso comum fortemente partilhado por todos. Num comentário de Euclides da Cunha, a Guerra de Canudos mais parecia um milagre que vez ou outra, ocorre nesse vasto território dos seres humanos. Canudos se organizava como um clã, no qual Antônio Conselheiro era o líder inquestionável e o ponto central de onde as ordens partiam e para onde todas as decisões convergiam. Seus simples gestos e discursos inflamados agregavam os olhares atentos e corações esperançosos dos sertanejos. Sua figura representava o ápice da solidariedade mecânica. O arraial seguia seus preceitos e ensinamentos, confirmando a teoria de Durkheim (2010) de que esse tipo de coesão social é mais forte em sociedades com pouca divisão do trabalho.

No povoado em que a religiosidade exalava pelos poros, o chefe e líder se tornou mártir. Mártir sem causa para alguns, mas um santo para tantos outros. O lunático e assombroso Antônio Conselheiro conseguiu unir milhares de pessoas numa congregação sagrada e profana em que a vida e a morte se confundiram no pacífico sertão de outrora. Antes da invasão propriamente dita dos soldados a Canudos, “falecera a 22 de agosto Antônio Conselheiro (...) ali o encontrou numa manhã Antônio Beatinho. Estava rígido e frio, tendo aconchegado do peito um crucifixo de prata” (Cunha, 2003, pp. 324-325). Uma das profecias mais conhecidas, mais tarde colocadas em versos e canções, diz que “...Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão; então o certão virará praia e a praia virá certão” (Ibidem, p. 108). De fato,

um ano mais tarde, em 1897, o sertão em que se localizava o Arraial de Canudos virou um mar de sangue. Triste fim de um povo humilde e simples.

No fim do combate, não importava mais a morte de milhares ou o destino dos que ainda restavam, o que estava em jogo era o sentimento compartilhado em Canudos. A morte era bem-vinda, desde que estivesse lutando em prol do Reino Divino, pois “a terra é o exílio insuportável, o morto um bem-aventurado sempre” (Ibidem, p. 92). Homens desconhecidos tiveram seus nomes gravados numa história sangrenta e cruel, mas se tornaram conhecidos pela coragem e destemor exercido em favor de uma causa que acreditavam piamente.

UM POVO SOLITÁRIO E SOLIDÁRIO: MASSA, SOCIEDADE E COMUNIDADE À LUZ DE EDITH STEIN

Neste tópico, inicialmente importa destacar que a abordagem de Edith Stein é filosófica a partir do método fenomenológico, que diferentemente de Durkheim, não se limita a descrever estruturas externas, mas busca compreender como os indivíduos vivenciam a intersubjetividade. Os conceitos de massa, sociedade e comunidade estão entrelaçados nos conceitos de causalidade psíquica e contágio psíquico.

Nessa linha de raciocínio, Stein (2005) em *Contribuições para a fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito*, propõe uma distinção entre três formas de organização social – massa, sociedade e comunidade – que se diferenciam pela forma como os indivíduos vivem juntos, se influenciam mutuamente e compartilham sentidos e responsabilidades. Segundo Stein (2022, p. 46), a massa é

o tipo social mais baixo e consideramos característico dela que os seus indivíduos se influenciam reciprocamente sem nada saber sobre a influência que exercem ou recebem entre si nem vivenciar como algo comum seu comportamento, o qual pode mesmo tornar-se homogêneo pela influência recíproca.

Desse modo, “não possui estrutura duradoura: sua coesão depende do contato direto e imediato entre indivíduos; desaparece quando esse contato termina, sem deixar qualquer forma objetiva de organização além do simples estar junto” (Stein, 2022, p. 47). Bello (2015, p. 95) complementa que esse tipo social está sujeito ao contágio psíquico, pelo qual sentimentos e impulsos podem se propagar de forma descontrolada:

Os sentimentos vitais podem ser contagiados? Stein realiza extensa análise sobre isso, chegando a afirmar que existe contágio psíquico, que sem um controle espiritual, esse contágio psíquico pode arrastar a massa, que fica sem controle algum. Pode se dar em qualquer situação em que uma pessoa comanda a massa, resultando, por exemplo, no totalitarismo. A origem do totalitarismo é a massa arrastada por um impulso psíquico, quando a esfera espiritual – sempre existente na pessoa – não exerce sua autonomia em relação a ele.

No caso de Canudos, o povo sertanejo manifestou aspectos típicos da massa ao se submeter ao carisma de Antônio Conselheiro e suas profecias. A influência do líder sobre o grupo, associada ao contágio psíquico, gerou coesão, mas também limitou a autonomia crítica dos indivíduos.

Para Stein (2005), na massa, os indivíduos não se relacionam de maneira consciente uns com os outros, não se veem reciprocamente como sujeitos nem se dedicam ao bem do outro como ocorre na comunidade. Suas ações não se baseiam em um entendimento compartilhado e sua vida psíquica segue unicamente o padrão coletivo, unindo-os quase que exclusivamente pelo espaço que ocupam em comum. Em eventos históricos, como no caso de Canudos, a massa tende a operar em um nível psíquico coletivo, marcado por superexcitação que leva os indivíduos a agirem de forma impulsiva e muitas vezes irracional. Naquele contexto específico, essas condições reforçaram o caráter de submissão ao líder e à fé compartilhada, enquanto criavam uma uniformidade.

No que diz respeito à sociedade, esta se organiza racionalmente, baseando-se em normas, contratos e funções, tratando os indivíduos como objetos uns para os outros, sem vínculo afetivo ou espiritual. Para Stein (2022, p. 50), “a especificidade da sociedade reside em que, nela, diferentemente do que ocorre na comunidade, os indivíduos são objetos uns para os outros: são mesmo objetos, e não sujeitos que vivem juntos em comunidade”. Ao comentar sobre a distinção entre sociedade e comunidade, Bello (2015, pp. 98-99) afirma:

Trata-se de uma união de pessoas para uma finalidade racional. Nela cada um é considerado por aquilo que serve à sociedade num certo momento, ou seja, não como pessoa. No caso da comunidade, sabemos que existe um vínculo pessoal, uma ligação moral – reciprocamente se estabelece uma relação, inclusive a relação de responsabilidade: nasce a importante atitude da solidariedade, que pode incluir aspectos políticos e econômicos, inclusive. Para que haja solidariedade não basta a sociedade (e muito menos a massa). Solidariedade se dá numa vida espiritual comunitária, que ocorre também nos casos de comunidade política.

Em oposição à massa e à sociedade, a comunidade caracteriza-se pelo vínculo espiritual e intersubjetivo, na qual os indivíduos vivem juntos de forma consciente e compartilhada. A solidariedade, característica importante da comunidade, envolve responsabilidade mútua, coesão e compromisso com a vida coletiva, inclusive nas dimensões política e econômica (Bello, 2015). Ao realizar uma investigação sobre a formação do Estado por meio de uma análise fenomenológica, Stein (2022, p. 49), comenta sobre a característica central da comunidade:

Ora, constatamos que a comunidade se fundamenta especificamente no espírito e, além disso, caracteriza-se por aquilo que falta à massa: na comunidade, os indivíduos vivem juntos, ‘uns com os outros’, no sentido rigoroso dessa expressão. Nela, ninguém é absorvido em sua própria vivência – tal como os indivíduos que vivem na massa –; ao contrário, cada indivíduo encontra os outros como companheiros de vida e sente-se membro da comunidade, a qual, por sua vez, é sujeito de uma vida própria.

De certo modo, em Canudos, a fé, a luta e o destino compartilhados ilustram essas características comunitárias. No entanto, ao analisar o papel do líder na vida comunitária, Stein (2005) explica que o núcleo da comunidade, formado pelos membros que sustentam sua vida e garantem sua continuidade, é essencial para a consistência e durabilidade do grupo. O líder, embora importante, não pode sozinho representar a comunidade:

Um único guia forte pode bastar para marcar uma comunidade com seus traços, mas, se a alma que dá consistência ao todo for apenas esse guia (e os outros forem passivos), a comunidade se fragmentará. O líder pode ser importante, mas ele também deve fazer parte daquele fluxo de vivências comunitárias, e, assim, não pode sozinho personificar toda a comunidade. O núcleo da comunidade não é o chefe ou líder, mas os membros sustentadores da comunidade (eventualmente, inclusive o chefe ou líder) (Bello, 2015, p. 101).

Recapitulando, na comunidade, o núcleo não equivale exclusivamente ao líder, mas consiste nos membros sustentadores, que de forma conjunta dão consistência e caráter duradouro à vida comunitária, isto é, “quanto maior for o número de sustentadores de uma comunidade, quanto mais participantes se dedicarem a ela, tanto mais sólida será sua consistência e mais confiável será seu modo de se apresentar externamente” (Bello, 2015, p. 100).

Em suma, a massa caracteriza-se por certa homogeneidade passiva em que os indivíduos não exercem uma reflexão crítica e tornam-se vulneráveis até mesmo a totalitarismos; a

sociedade surge como um arranjo funcional, regulado por normas externas, contratos e leis, sendo focada na organização racional das relações; e a comunidade representa uma unidade de sentido compartilhado em que os indivíduos permanecem únicos.

Assim, Canudos pode ser compreendido como um exemplo entre massa e comunidade. Por um lado, a fé e o propósito compartilhados entre aqueles sertanejos liderados por Antônio Conselheiro fortaleceram vínculos comunitários, possibilitando certa coesão social, todavia, a submissão acrítica evidencia traços característicos da massa, bem como a uniformidade comportamental daquele grupo.

A partir do pensamento steiniano no que diz respeito à massa, sociedade e comunidade, o caso de Canudos pode ser compreendido como uma situação em que se entrelaçam características de massa e comunidade na qual a fé, a liderança e carisma de Antônio Conselheiro, além da experiência coletiva de luta e a vida compartilhada, reforçaram vínculos comunitários e ao mesmo tempo, comprometeram a autonomia crítica daqueles indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos pensar que o sertão baiano e todo o contexto social em que as pessoas que ali viviam, foi um lugar propício para o que aconteceu em Canudos. As especificidades daquele povo, mesmo diante das suas diferenças, possibilitaram uma homogeneidade típica daqueles que se unem em busca de um objetivo. Naquele lugar, a solidariedade mecânica se dilatou e tornou coesa uma brava gente que não sabia lutar, a não ser pela sua própria sobrevivência, ora com traços de massa, ora de comunidade. A ausência das grandes cidades naquela época, especialmente no sertão nordestino, também foi essencial para a manutenção das tradições e crenças, haja vista que os três fatores requeridos para o desenvolvimento da sociedade ou da divisão do trabalho social – volume, densidade material e densidade moral, conforme pensamento de Durkheim (2010), não sofreram mudanças substanciais como foi constatado.

Ao analisar a experiência de Canudos por meio de concepções teóricas da filósofa Edith Stein e do sociólogo Émile Durkheim, tem-se um terreno interessante para a reflexão filosófico-sociológica. Enquanto a contribuição de Durkheim sobre a solidariedade permitiu uma melhor compreensão da predominância da solidariedade mecânica, explicitada pela coesão fundada na semelhança, na consciência coletiva e no predomínio de normas repressivas, o pensamento steiniano possibilitou avançar além da estrutura externa ao destacar as vivências intersubjetivas

que marcam a diferença entre massa, sociedade e comunidade, especialmente ao identificarmos características da primeira e da última.

A tentativa de articular dois autores tão distintos foi, ao mesmo tempo, um risco e um desafio, no entanto, permitiu compreender como os laços humanos se constroem, se fortalecem e, eventualmente, se fragilizam. Nesse sentido, reconhecemos as limitações desta singela análise realizada. Em primeiro lugar, a reflexão aqui desenvolvida não pretendeu oferecer uma análise ou reconstrução histórica da Guerra de Canudos, até mesmo porque sobre o episódio histórico em si, utilizamos exclusivamente a percepção de Euclides da Cunha, que através do livro *Os Sertões*, apresentou ao mundo seu olhar diante dos fatos, o que por si só, revela uma visão unilateral de um fato tão complexo ocorrido no Brasil.

Além disso, este trabalho partiu de duas concepções teóricas que não convergem diretamente e apresentam certo descompasso metodológico, pois enquanto Durkheim tem um olhar atento para uma análise sociológica voltada às estruturas sociais, Stein utiliza o método fenomenológico para compreender as vivências intersubjetivas. Essa diferença de abordagem limita a possibilidade de uma síntese mais acurada, ainda que permita uma diálogo inicial.

Por fim, é mister observar que “Canudos não se rendeu” (Cunha, 2003, p. 359), pois esse exemplo ímpar de resistência na história, perdurou até o esgotamento completo. No dia 5 de outubro de 1897 foram mortos os últimos defensores daquele povo, daquela fé, daquela esperança. “Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados” (Ibidem, p. 359). A discrepância na quantidade de combatentes de um e outro lado revela a cena ímpar narrada. No dia seguinte, 5.200 casas, cuidadosamente contadas, foram destruídas. Ali era sepultado um marco da história do sertão, do Brasil, de um povo solitário e solidário.

REFERÊNCIAS

Alighieri, Dante. **A Divina Comédia**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

BELLO, Angela Ales. **Pessoa e Comunidade**: comentários – psicologia e ciências do espírito de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

Cascudo, Luís da Câmara. **Religião no Povo**. 2. ed. São Paulo: Global, 2011.

Cunha, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

DaMatta, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

Durkheim, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Durkheim, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Durkheim, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

Gomes, José Bezerra Gomes. **Os Brutos**. 3. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

Stein, Edith. Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. In: **Obras completas**, Volume II, Escritos filosóficos: etapa fenomenológica: 1915-1920, Madrid: Monte Carmelo, 2005.

Stein, Edith. **Uma investigação sobre o Estado**. São Paulo: Paulus, 2022.

Weber, Max. **Ciência e Política**: Duas Vocações. São Paulo: Martin Claret, 2006.